

O BADMINTON NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA EXPERIÊNCIA A PARTIR DA CATEGORIA GÊNERO

Nathália Chaves Gomes

Especialista em Educação Física: fundamentos teóricos e a prática profissional na escola - UNICAMP

Professora da EMEF Jardim Fontalis - SME/SP

Luciano Nascimento Corsino

Mestre em Educação e Saúde na Infância e na Adolescência - UNIFESP

Professor da EMEF Jardim Fontalis - SME/SP

Fernanda Jaqueline Ribeiro Neto

Professora da EMEF Jardim Fontalis - SME/SP

Resumo

O presente texto apresenta relato de experiência sobre o tratamento do esporte individual Badminton na Escola Estadual de Ensino Fundamental Jardim Fontalis, localizado na zona norte de São Paulo. Como metodologia foi considerada a pesquisa-ação, que propicia ao professor uma análise mais aprofundada de seu trabalho no cotidiano escolar. Pretendeu-se analisar as relações de gênero durante as aulas de Educação Física, de modo a identificar o tratamento do Badminton como um esporte de resistência às construções das diferenças. Ao final, constatou-se que o esporte Badminton pode ser um importante tema a ser desenvolvida durante as aulas de Educação Física, tendo em vista que sua problematização oportunizou cruzamentos de diversas fronteiras no cotidiano das aulas de Educação Física.

Introdução

Estudos como o de Romero (1990), Sousa (1994), Altmann (1998), Saraiva (2005), Corsino (2011) e Moreno e Gomes (2011) reconhecem o caráter hierarquizante presente nas aulas de Educação Física que abordam, predominantemente, esportes coletivos como o futebol, o voleibol, o basquetebol e o handebol. Estes estudos apontam para a necessidade de que outros temas/conteúdos sejam acrescentados durante as aulas de Educação Física, de modo que haja determinado equilíbrio daqueles culturalmente considerados como masculinos e femininos.

Ao considerar a Cultura Corporal, que possibilita o tratamento de temas como Luta, Dança, Esporte, Ginástica, Jogo e Brincadeira, assim como o documento “Orientações Curriculares: proposição de expectativas de aprendizagem – Educação Física”, da Prefeitura de São Paulo, foi elaborado um programa bimestral, responsável

por abordar o Esporte Individual Badminton, para turmas de 7ª série do Ensino Fundamental II.

Nesse sentido, o presente texto apresenta relato de experiência vivenciado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Jardim Fontális, localizada na zona norte da cidade de São Paulo. O conteúdo foi desenvolvido durante nove aulas, tanto práticas como teóricas.

Um dos critérios para a escolha do tema foi a necessidade encontrada pelo fato de, principalmente, as meninas apresentarem um considerável desinteresse em participar das aulas de Educação Física, e os alunos/as acreditarem que esta é composta apenas por esportes tradicionais. Percebemos que essas turmas de sétimas séries, anteriormente, tiveram intercorrências nas aulas de Educação Física, devido ao grande número de substituições de professores, o que prejudicou a continuidade do trabalho dos mesmos e o futsal tornou-se o tema abordado de forma predominante, tendo em vista que, por ser uma manifestação histórica e culturalmente percebida como masculina, havia pouca participação das meninas, fato responsável, entre tantos, pelas separações e hierarquizações no interior das aulas. Tal concepção foi enraizada nas aulas de Educação Física, tornando-se característica comum e não questionável nas referidas turmas.

Considerando essa premissa, verificou-se a necessidade de abordar um tema menos conhecido pelos/as alunos/as, que pudesse contribuir para uma maior participação do público feminino, assim como proporcionar uma Educação Física que oferecesse aulas “misturadas”, em busca de garantir a coeducação, que para Corsino (2011), não se faz presente apenas por meio das “misturas”, mas sim, a partir de iniciativas que abordem as construções históricas e sociais responsáveis pelas diferenças hierarquizadas de gênero, no interior das manifestações da Cultura Corporal.

Sendo assim, corroboramos que só poderá acontecer a coeducação a partir de uma mobilização que envolva todo o grupo de professores/as, gestores/as e funcionários/as, assim como o apoio de políticas educacionais que considerem as relações de gênero nos processos de escolarização.

No planejamento, o gênero foi considerado uma categoria de análise histórica e social (SCOTT, 1995), que possibilita um olhar potencializado para as relações entre o feminino e o masculino, de modo a romper as múltiplas invisibilidades, que muitas vezes são responsáveis por velar as práticas hierarquizadas e até mesmo as inúmeras violências de gênero presentes na escola.

Metodologia

Segundo Thiollent (2007) a pesquisa-ação está fundada a partir da associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo em que os pesquisadores e os participantes representam a situação ou problema e estão comprometidos de forma cooperativa ou participativa, corresponde assim, a um tipo de pesquisa social com origem empírica.

Desta forma, entende-se que o presente trabalho foi apoiado em segundo a pesquisa-ação, pois possui uma ação por parte das pessoas ou grupos envolvidos no problema sob observação. Além disso, é necessário que a ação seja uma ação não-trivial, o que significa uma ação problemática que merece investigação para ser construída e encaminhada (THIOLLENT, 2007).

Desta maneira o pesquisador não apenas compartilha do fenômeno observado, mas colabora para a construção de saberes emergentes, porque há interação entre o pesquisador e os sujeitos envolvidos na situação investigada. Na situação em que o pesquisador se envolve com as ações pesquisadas, proporciona-se a resolução de problemas concretos existentes no cotidiano, vivenciados por estes sujeitos (THIOLLENT, 1994).

As relações de gênero na prática do Badminton

Souza Junior e Darido (2003) e Altmann, Ayoub e Amaral (2011), apontam que um dos grandes desafios enfrentados pelas/os professoras/es de Educação Física em sua prática atribui-se à adoção de uma postura adequada para o trabalho com turmas mistas. Separar meninas e meninos durante as atividades e diferenciar as atividades de acordo com o sexo, são estratégias adotadas por muitos/as professores/as para lidar com os conflitos, e além de tudo ainda há uma incorporação disso pelos alunos e alunas. Portanto, simplesmente juntar meninos e meninas não é garantia de uma revisão de preconceitos e discriminações existentes em nossa sociedade.

Neste sentido o Badminton, foi o elemento utilizado para a garantia dos princípios pedagógicos de diversificação de conteúdo e possibilidade de oferecer oportunidades iguais para meninas e meninos participarem nas aulas de Educação Física.

Segundo Gonçalves et al (2012) o Badminton é praticado individualmente ou em duplas, nos naipes feminino, masculino e misto. O número de praticantes no Brasil e no mundo tem aumentado significativamente. É considerado por muitos como o esporte de raquetes mais rápido do mundo. Surgiu na Índia, onde era chamado de Poona, no qual soldados do exército inglês interessaram-se e levaram a novidade para a Inglaterra em 1870. O nome atual foi adotado nesse período em razão do nome do local onde era praticado por aristocratas ingleses Badminton House, a residência campestre do Duque de Beaufort na Inglaterra. A partir de então passou a ser conhecido como "O Jogo de Badminton". O jogo continuou a ser praticado com as regras trazidas da Índia até 1887, quando um grupo de jogadores decidiu fundar um clube e ajustar as regras que se mantém até hoje.

Gonçalves et al (2012) considera o esporte de fácil aprendizagem, e afirma que desenvolve o raciocínio, a estratégia, o rendimento esportivo, desenvolve as habilidades psicomotoras, como a coordenação motora, lateralidade, estruturação espacial e temporal, dentre outras capacidades. Permite ao sujeito o desenvolvimento das capacidades físicas, cognitivas, afetivas e sociais, fazendo do corpo um instrumento de percepção da realidade externa e interna perante a realização de seus movimentos.

Hreczuck et al (2011) corrobora ao afirmar que o Badminton é um esporte de mínimo contato físico, sem restrições de tipos físicos para a sua prática e que permite fácil interação social.

Desta forma, a primeira aula sobre o Badminton, consistiu em sua apresentação aos alunos e alunas, através da demonstração de seus equipamentos, a peteca e as raquetes. Em seguida foram realizados questionamentos, tais como: Se os/as alunos/as já conheciam o esporte; Como eles achavam que era jogado; Se sabiam qual era o objetivo do jogo. Também houve uma contextualização sobre o esporte, suas principais características, equipamentos utilizados e o principal objetivo do jogo.

Das cinco turmas de sétimas séries, nenhuma conhecia o Badminton e demonstraram bastante interesse em conhecê-lo, inicialmente, elas relacionaram o esporte à “raquete de matar mosquito”, o que facilitou a aprendizagem do Badminton, pelo fato dos movimentos se assemelharem, então quando os/as alunos/as foram vivenciar o esporte, eles/as imaginavam que a peteca era um mosquito e com a raquete tentavam matá-lo, tanto que muitos não conseguiam falar o nome do esporte e o apelidaram de “mata mosquito”. E assim, na primeira e segunda aula, vivenciaram de forma livre, no qual ficaram separados em trios ou quartetos, pois não havia raquetes

para todos/as. Observou-se que todos/as os/as alunos/as participaram e se envolveram com o esporte e começaram a criar regras, enquanto dois jogavam, um ou dois ficavam de árbitros e muitos grupos até começaram a delimitar uma quadra e rede.

Os alunos montaram os grupos livremente de acordo com as afinidades e em todas as turmas, quando chegou ao final da aula, praticamente todos os grupos se desmontaram, porque a professora orientava para que trocassem de grupos e jogassem com pessoas que ainda não haviam jogado. Todos/as apresentavam praticamente o mesmo nível de habilidade, o que possibilitou uma maior “mistura” entre os alunos e alunas, e não tinham receio de jogar “contra”, faziam questão de se desafiarem, sem medo de saber jogar ou não, se iriam errar ou não, ganhar ou perder. As vitórias eram distribuídas, ora meninos ganhavam, ora meninas ganhavam, não sendo notadas desigualdades de gênero ou resistências e fronteiras entre meninos e meninas, todos jogaram juntos, sem haver discriminação ou exclusão.

Este fato também foi comprovado na entrevista com os alunos e alunas no estudo de Junior (2008) sobre jogos cooperativos e a inclusão nas aulas de educação física, foi possível verificar que o Badminton possibilitou que meninos e meninas pudessem jogar juntos e se divertirem com isso, aumentando a participação de alunos/as nas aulas de Educação Física.

Nas demais aulas, a professora apresentou alguns vídeos sobre Badminton com jogos em duplas e individuais, femininos, masculinos e mistos. O que estimulou ainda mais o interesse dos/as alunos/as pelo esporte. E simultaneamente aos vídeos foram trabalhadas as regras oficiais do Badminton. E os/as alunos/as vivenciaram o Badminton com as regras oficiais e em suas modalidades individuais e em dupla, organizadas em feminino, masculino e misto. Não houve diferenças significativas nas disputas, todos os jogos apresentavam o mesmo nível de habilidade. Esse fato foi problematizado com os/as alunos/as, onde relacionamos com outros esportes, discutindo e ressignificando as relações de gênero.

Os alunos pesquisaram sobre o Badminton e construíram um texto coletivo sobre a origem, equipamentos para prática, principais regras e onde praticar, como trabalho de finalização do conteúdo.

Neste sentido, o Badminton contribuiu para aquilo que estas professoras e este professor consideram ser a coeducação, ou seja, em nenhum momento os alunos/as apresentaram rejeição ou associação a um determinado gênero, pelo contrário, se mostraram interessados/as e se sentiram motivados/as devido às novas e diversificadas

possibilidades para aprendizagem, todos/as se identificaram e não apresentaram grandes dificuldades, desde a primeira aula. Devido ao sucesso nessa experiência, muitos alunos e alunas que não se sentiam a vontade em praticar esporte, passaram a se identificar com o Badminton. Meninas e meninos se “misturavam” durante as vivências, sem que houvesse atitudes que pudessem, de alguma forma, engendrar as diferenças hierarquizadas durante as aulas.

Considerou-se, que o Badminton pode ser uma possibilidade de intervenção pedagógica que minimiza as fronteiras nas relações de gênero, além de garantir a diversificação dos conteúdos e uma participação mais efetiva, tanto para meninas como para meninos. Portanto, trata-se de uma iniciativa rumo à coeducação, que pode ser tomada como um possível exemplo de atividade que pode e deve ser debatida, repensada e ressignificada, a fim de que possamos contribuir para aquilo que consideramos como necessário para que as diferenças não sejam transformadas em profundas desigualdades, no âmbito da Educação Física Escolar.

Referencias Bibliográficas

ALTMANN, H. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens da Educação Física**. 1998. 110f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

ALTMANN, H.; AYOUB, E.; AMARAL, S. C. F. . **Gênero na prática docente em educação física: meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar ?**.

Revista Estudos Feministas (UFSC. Impresso), v. 19, p. 491-501, 2011.

APPLE, Michel W. **Educação e poder**. Porto: Editora Porto, 1991.

CORSINO, L. N. **Relações de gênero na educação física escolar: uma análise das misturas e separações em busca da coeducação**. 2011. 153f. Dissertação (Mestrado em Ciências: Educação e Saúde na Infância e na Adolescência) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2011.

GONÇALVES, R. et al. A importância da tomada de consciência no jogo badminton. **Revista Fiep Bulletin**, v.82, special edition, article I, 2012.

HREZUCK, D. V. et al. Introduzindo um novo esporte no país do futebol: a visão de um gestor. **Revista Científica Jopof**, v. 11, n. 2, ano 8, Curitiba: Korppus, 2011.

JUNIOR, J. C.. **Jogos cooperativos**: Uma proposta de inclusão nas aulas de Educação Física. 2008. Projeto (Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE) – Universidade Estadual de Londrina – UEL.

MORENO, M. O.; GOMES, N. C.. **As relações de gênero no ensino fundamental I**: uma análise da produção acadêmica em Educação Física. 2011. 58 f. Trabalho de Conclusão de Curso de especialização em Educação Física fundamentos teóricos e prática profissional na escola - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

ROMERO, E. **Estereótipos masculinos e femininos em professores de Educação Física**. 1990. 407f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo, 1990.

SARAIVA, M. do C. **Coeducação Física e Esportes**: quando a diferença é mito. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2005.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SOUZA JUNIOR, O. M.; DARIDO, S. C. Influências da cultura escolar no desenvolvimento de propostas co-educativas em aulas de Educação Física. **Revista Motriz**, Rio Claro, SP, v.9, n.3, p. 143-151, set./dez. 2003.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 15.ed. São Paulo: Cortez, 2007.